

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL - UERGS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – ProPPG
Curso de Especialização Gestão em Educação: Supervisão e Orientação

SILVÂNIA DE ARAUJO PES

ENSINAR A LER E ESCREVER EM TODAS AS ÁREAS DO CONHECIMENTO:
Um desafio possível para a escola

São Luiz Gonzaga

2022

SILVÂNIA DE ARAUJO PES

**ENSINAR A LER E ESCREVER EM TODAS AS ÁREAS DO CONHECIMENTO:
Um desafio possível para a escola**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Gestão em Educação: Supervisão e Orientação, na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a Dr.^a Luciane Sippert Lanza Nova

São Luiz Gonzaga

2022

SILVÂNIA DE ARAUJO PES

ENSINAR A LER E ESCREVER EM TODAS AS ÁREAS DO CONHECIMENTO:

Um desafio possível para a escola

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Gestão em Educação: Supervisão e Orientação, na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a Dr.^a Luciane Sippert LanzaNova

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Orientadora Prof^a. Dr.^a Luciane Sippert LanzaNova
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

Prof.^a Dr.^a Viviane Maciel Machado MaurenTe
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

Prof.^a Ma. Percila Silveira de Almeida
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

São Luiz Gonzaga

2022

Ensinar a ler e escrever em todas as áreas do conhecimento: um desafio possível para a escola

Silvânia de Araujo Pes

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS).

E-mail: silvania-pes@uergs.edu.br, <http://lattes.cnpq.br/7037432421782938>

Luciane Sippert Lanza Nova

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS).

E-mail: luciane-sippert@uergs.edu.br, <http://lattes.cnpq.br/0010806287467881>

RESUMO

O presente artigo traz para a reflexão um assunto extremamente relevante no meio educacional que está relacionado à grande dificuldade e até mesmo ao fracasso do processo de ensino e de aprendizagem da leitura e da escrita na escola. Este estudo teve como objetivo geral refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita na escola, e como objetivos específicos retomar os conceitos de leitura e escrita; refletir sobre os motivos que dificultam a aprendizagem da leitura e da escrita; e apresentar uma proposta de trabalho voltada à leitura e à escrita que envolva os professores das diferentes áreas do conhecimento e a gestão escolar. Esta pesquisa foi realizada a partir de uma revisão bibliográfica. Neste sentido, apresenta-se uma revisão acerca dos conceitos sobre leitura e escrita, além de buscar esclarecimentos sobre os motivos e razões dos alunos apresentarem dificuldades ao lidar com as ações de ler e escrever e defende uma proposta de projeto de leitura e escrita na escola envolvendo todas as áreas do conhecimento, encaminhando para a gestão escolar a condução de um processo de formação continuada para que os professores de todas as áreas se envolvam com a leitura e a escrita em suas aulas, com a finalidade da escola como um todo contribuir com a aprendizagem e o aprimoramento das capacidades de ler e escrever dos alunos.

Palavras-chave: escola; ensino; aprendizagem; leitura; escrita.

ABSTRACT

The present article brings to the reflection an extremely relevant issue in the educational environment which is related to the great difficulty and even the failure of the teaching and learning process of reading and writing at school. The general objective of this study was to reflect on the teaching and learning process of reading and writing at school and, the specific objectives are to revisit the concepts of reading and writing; to reflect on the reasons that hinder the learning of reading and writing; and to present a work proposal focused on reading and writing that involves teachers from different areas of knowledge and school management. This research was performed from a literature review. In this sense, presents a review of the concepts about reading and writing, in addition to seeking clarification about the motives and reasons of students having difficulties in dealing with the actions of reading and writing and defends a proposal for a reading and writing project at school involving all areas of knowledge, forwarding to school management the conduction of a continuing education process so that teachers from all areas get involved with reading and writing in their classes, with the purpose of the school as a whole to contribute to the learning and improvement of students' reading and writing skills.

Keywords: school; teaching; learning; reading; writing.

Introdução

São várias as pesquisas e estudos que abordam o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita na escola e que mostram o quanto os estudantes estão com dificuldades nestas habilidades fundamentais para o seu desenvolvimento integral e sucesso em todas as áreas do conhecimento. Muitos autores trazem esta preocupação, debates e reflexões sobre tais problemas e apontam alternativas para a busca de soluções, tais como: Antunes (2009), Geraldi (2001), Zilbermann (2006), dentre outros. Assim, é importante discutir as dificuldades ou os problemas que a escola vem enfrentando, no sentido de pensar ações que possam contribuir para que os professores possam dar conta de sua tarefa assumindo o compromisso de criar situações para o exercício da leitura e da escrita dos estudantes e paralelamente a escola como um todo possa contribuir com a formação do indivíduo.

Sabe-se que como fundamento do trabalho com a Educação Básica, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) preconiza o desenvolvimento das competências e habilidades em leitura e produção de diversos gêneros textuais. Também, segundo a concepção interacionista da linguagem, o texto é considerado um meio de interação e os interlocutores são vistos como sujeitos ativos e nele se constroem e são construídos (KOCH, 2002). Nesta mesma perspectiva, vários estudiosos têm se preocupado com o estudo dos mais variados gêneros discursivos existentes em nosso contexto, sugerindo que os gêneros de texto funcionem como referência para a aprendizagem, como instrumento de ensino-aprendizagem de leitura e produção textual, como defendem, por exemplo, Marcuschi (2008) e Schnewly e Dolz (2010).

Porém, apesar dos movimentos de mudanças nas perspectivas de ensino, cabe uma reflexão quanto à leitura e à produção de textos na escola. Notamos que ainda há uma grande dificuldade do professor de encaminhar atividades de leitura de diversos gêneros, bem como trabalhar a escrita de um gênero como ponto de partida e ponto de chegada, oferecendo conceitos, características e exemplos claros do gênero trabalhado. Além disso, o texto é tomado como um material fechado em si mesmo, sem constituir um espaço dialógico de produção de sentidos e de significação.

A escrita e a leitura são elementos fundamentais no projeto de emancipação do sujeito, e que para que esta ação seja feita com eficácia, é necessária muita dedicação, compromisso e muitos estudos sobre o que é ler e o que é escrever, compreendendo o real significado destes dois atos. A leitura e a escrita, têm sido sim um grande desafio aos educadores que com ela trabalham.

Adiciona-se, que é praticamente consenso entre os professores que as tarefa de leitura e escrita seja compromisso apenas da disciplina de Língua Portuguesa, e como se isso não bastasse, há sempre o julgamento de que se o aluno não sabe ler e escrever, a culpa é dos professores de Língua Portuguesa. Contudo, cabe a todos os professores a formação integral do aluno e prepará-lo para a cidadania, e se é assim, faz parte dessa formação o domínio da leitura e da escrita, e nesse sentido o ensinar a ler e a escrever deve ser um compromisso de todas as áreas do conhecimento, sendo que todos os professores devem ter o compromisso de oferecer o acesso à leitura e à escrita, sendo mediadores dessas tarefas (NEVES *et al.* 1999).

Diante dessas considerações, é importante perceber o papel social da escola na promoção sistematizada da utilização das múltiplas linguagens que estão presentes em nosso contexto, as

quais devem chegar à escola por diversos meios, sendo oferecidas pelos professores das diversas áreas do conhecimento. Acrescenta-se ainda, a importância de que todos os professores reflitam sobre suas práticas para que promovam esforços em direção a essa questão essencial na educação escolar, que é o ensino da leitura e da escrita. Assim, o problema de pesquisa trazido neste estudo é como os professores de diferentes áreas e a escola como um todo podem contribuir com a aprendizagem e o aprimoramento das capacidades de ler e escrever dos alunos?

Como meio para encampar esse compromisso, lança-se uma reflexão sobre a prática voltada à realidade escolar e uma proposta de trabalho em que se recorre à iniciativa e ao incentivo por parte da gestão escolar, que através da formação continuada lançará o projeto de leitura e escrita na escola, dando suporte, fomentando e contribuindo com intervenções pedagógicas para que todo o educandário assuma o papel de perceber que o ler e o escrever são ações que devem ser privilegiadas na escola, pois são indispensáveis na sociedade.

Neste sentido, enquanto professora da educação básica e estudante no curso de Curso de Especialização Gestão em Educação: Supervisão e Orientação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, unidade em São Luiz Gonzaga, realizou-se a presente pesquisa por meio de uma revisão bibliográfica, recorrendo a obras e textos já publicados (GIL, 2008), tendo como objetivo geral refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita na escola. Para tanto, procurou-se dar conta dos seguintes objetivos específicos: retomar os conceitos de leitura e escrita; refletir sobre os motivos que dificultam a aprendizagem da leitura e da escrita; e apresentar uma proposta de trabalho voltada à leitura e à escrita que envolva os professores das diferentes áreas do conhecimento e a gestão escolar.

Este artigo está organizado em quatro seções. Na primeira, apresenta-se a introdução deste trabalho contextualizando o tema, justificando sua escolha, apresentando a metodologia e apresentando os objetivos que o orientam. Na segunda, busca-se por bases teóricas que fundamentam as reflexões sobre o que é ler e escrever. Na terceira, desenvolvem-se percepções sobre o porquê dos alunos não aprenderem a ler e a escrever, e por fim, na quarta seção, apresentamos o desenvolvimento de uma proposta que poderá ser aplicada com a coordenação da gestão escolar oferecendo a possibilidade de uma ação conjunta de toda a escola como resposta ao desafio de que ensinar a ler e a escrever é uma tarefa de todas as áreas, e conseqüentemente, de todos os professores.

Ler e escrever

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz dez competências gerais que devem ser trabalhadas durante a Educação Básica, e entre elas está a “comunicação”, apontando como fundamento do trabalho na escola o desenvolvimento da proficiência em leitura e escrita. No entanto, constata-se que as escolas tanto de Ensino Fundamental quanto de Ensino Médio ainda têm deficiência quanto à abordagem de uma metodologia interacionista da linguagem.

O ensino da linguagem como sendo um processo de interação social, sustenta-se no objetivo de desenvolver, no aluno, maior proficiência em práticas de oralidade, de leitura e de escrita. Nesta perspectiva, é preciso ter claro que o objeto de estudo é a linguagem, escrita ou falada, veiculada via

texto. O texto é o eixo central do trabalho. É a partir dele que se propõem as habilidades básicas da língua, falar, ouvir, ler e escrever, através das práticas de leitura e produção textual.

Nessa mesma direção, Fávero (2000) afirma que,

O texto consiste, então, em qualquer passagem falada ou escrita que forma um todo significativo independente de sua extensão. Trata-se, pois, de um contínuo comunicativo contextual caracterizado pelos fatores de textualidade: contextualização, coesão, coerência, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade, e intertextualidade (FÁVERO, 2000, p.7).

Dessa forma, para contribuir com o enriquecimento do universo cultural do aluno, é preciso oferecer textos dos mais variados gêneros, provenientes de diferentes contextos para colocá-los com variadas formas de produções de linguagem.

O papel da escola é levar os alunos a ultrapassar as formas de produção oral cotidianas para os confrontar com outras formas mais institucionalizadas, mediadas e reguladas por uma série de restrições.

Assim como a fala ou a produção oral é dialógica, dinâmica e negociável, a escrita também é. A escrita ou a produção textual é uma atividade interativa de expressão, de manifestação das ideias, informações, intenções, crenças e sentimentos. Aliás, a base da comunicação é a interação social entre sujeitos. A interação ocorre porque os sujeitos entram em relação, partilham de um conhecimento comum em uma situação discursiva. Como estão inseridos em um mesmo contexto sócio-histórico e ideológico, os sujeitos produzem infundáveis textos/discursos. Por sua vez, nestes textos/discursos desdobram-se uma multiplicidade de vozes. Essas vozes são desse eu e desse outro, que podem ser autor-pessoa, autor-criador, um destinatário real, um destinatário suposto etc.

A esta multiplicidade de vozes, dá-se o nome de dialogismo. Segundo Bakhtin (2011), qualquer texto é dialógico: apresenta uma relação dialógica entre os interlocutores e uma relação dialógica com outros textos. O discurso também é fruto de uma relação dialógica, visto que ele se constrói por meio do diálogo entre sujeitos falantes (dialogismo) e através do diálogo com outros discursos.

A produção de escrita, como toda atividade interativa, implica nesta relação entre sujeitos, entre textos, entre discursos. Daí que a providência maior do professor com seus alunos é ajudá-los a ampliar seu repertório de informações, alargar o horizonte de percepção das coisas, encher a cabeça de ideias. Não há conhecimento linguístico (lexical ou gramatical) que supra a deficiência de não ter o que dizer. Uma grande ilusão em torno do ensino da língua tem sido acreditar que ensinando nomenclatura gramatical, os alunos terão competência suficiente para ler e escrever textos conforme diversificadas situações sociais. Também é um grande equívoco pensar que os textos vão sair prontos das mentes dos alunos para o papel, que escrever é fruto de inspiração ou um dom.

O ler e o escrever são ações que devem ser ensinadas continuamente aos alunos, para que estes aprendam e apropriem-se desses saberes. Tais ações exigem do professor uma atuação contínua, adequada e explícita durante os vários anos da vida escolar do aluno. O professor é o mediador e seu papel é auxiliar o estudante quanto à aprendizagem.

Nesse sentido, Infante (2000, p.46) considera que “a leitura é o meio de que dispomos para adquirir informações e desenvolver reflexões críticas sobre a realidade”. Assim percebemos que a leitura é um procedimento didático que significa decifrar, interpretar, conhecer. É através dela que se aprende, se obtém e se produz conhecimento. Por isso devemos sempre ler muito e continuamente.

Da mesma forma, ocorre com a escrita. Elaborar um texto não é uma tarefa que implica apenas o ato de escrever, não começa com um simples tomar nas mãos papel e lápis. A escrita demanda ensino e aprendizagem, é uma tarefa difícil e precisa ser aprendida. Serafini (1985, p.21) ressalta que “a produção de um texto adequado resulta de um trabalho longo e difícil, que requer muito empenho”. Percebe-se nessa ideia o compromisso que se deve ter com o ensinar e o aprender a escrever. A escrita é uma prática pedagógica que deve ser encarada como prioridade, pois significa ensinar o aluno a se comunicar. Mostrar ao aluno que ele interage através da escrita e que essa modalidade de comunicação dispõe de vários recursos e que eles podem e devem ser usados de acordo com o que se deseja expressar.

Várias condições devem ser seguidas para a produção de textos. Primeiramente, antes da escrita é preciso que o estudante tenha clareza quanto ao gênero que terá que produzir, sabendo que cada gênero se caracteriza por apresentar o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional. Também é necessário que haja um objetivo significativo para a produção de texto.

A razão para escrever precisa partir de um objetivo e de uma motivação. O estudante pode ser desafiado a relatar uma experiência, a expressar um sentimento, a defender uma opinião, a comunicar um fato, enfim, práticas significativas de escrita e que terão um público leitor que não apenas e exclusivamente o professor.

Constata-se que a sociedade vê a escola como o espaço privilegiado para o desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita. Assim, ler e escrever não é uma questão exclusiva das aulas de Língua Portuguesa. Ler e escrever são tarefas da escola, são atividades que devem ser encaradas com seriedade por todas as áreas e componentes curriculares. Assim, toda a escola, deve assumir esse compromisso, e isso deve estar registrado em seus documentos oficiais, que é responsabilidade de todos ensinar a língua oral e escrita em seus diversos usos, percebendo a linguagem em seu estatuto dialógico e em seu caráter sócio-histórico, dos quais não pode ser desmembrada. As especificidades da língua, sua forma de funcionamento e correlações com seus usos sociais são importantes e devem ser de domínio e motivo de reflexão daquele que lida com o ensino e com a aprendizagem.

Por que os alunos não aprendem a ler e escrever?

A escola é o espaço, por excelência, de aprendizagem da leitura e da escrita. Essas atividades são complementares, uma não existe sem a outra, e precisam ser mediadas pelo professor. O texto deve ser o eixo do ensino, concebido como um processo de interação, articulando elementos contextuais, sociais, cognitivos e linguísticos, e estes elementos devem ser base para o ensino de estratégias de leitura e de escrita.

Contudo, não raro, o que vemos nas aulas de Língua Portuguesa é o texto usado como pretexto para ensino da gramática e totalmente desarticulado de atividades com um fim comunicativo

(GERALDI, 2001). Contudo, sabemos que um escritor produz o texto para dizer algo a um leitor. Por isso, o ato de criação textual exige do produtor diversas estratégias e a mobilização de conhecimentos para atingir seu objetivo. O escritor usa a língua, se apropria do sistema para se expressar, ou seja, mobiliza sua competência discursiva, sua capacidade de agir linguisticamente de acordo com a situação discursiva em que estiver inserido. Nesse sentido, as aulas de Língua Portuguesa precisam ajudar o aluno a lidar com a língua para se expressar. E isso se aprende ao longo da escolarização, por isso a importância da leitura e da escrita ao longo dos anos. De acordo com Possenti (1996, p. 20) a leitura e a escrita devem fazer parte constantemente das aulas de Língua Portuguesa. Segundo o autor, “ler e escrever não são tarefas extras que possam ser sugeridas aos alunos como lição de casa e atitude de vida, mas atividades essenciais ao ensino da língua. Portanto seu lugar privilegiado, embora não exclusivamente, é a própria sala de aula”.

O que ocorre em Língua Portuguesa, não é diferente nos demais componentes curriculares. Muitas vezes o trabalho se restringe ao livro didático, e a leitura realizada é uma leitura descompromissada, simplesmente com o intuito de localizar e reproduzir respostas, conceitos e definições prontas para responder a questionários e provas.

No entanto, é comum os professores de diferentes disciplinas queixarem-se de que os alunos não sabem ler e escrever. Mas isso é a eles ensinado? A leitura é uma atividade fundamental para que outras atividades possam ser desenvolvidas. Desenvolver hábitos de leitura, implica construir sentidos, implica na construção de significados, implica propiciar novas formas de pensar, de questionar, implica compreensão de conceitos, implica na exploração de textos. O mesmo vale para a escrita. Conforme Leal (2005, 65), “escrever aprende-se na interação contínua com os atos de escrita, através de estratégias significativas, em que o aprendiz poderá entender o caráter dialógico da linguagem”. As atividades em relação à leitura e escrita, dessa forma, requerem um envolvimento de interação com o texto, percebendo como ele funciona, como ele se articula, como ele se coloca em dialogia com outros textos e com os leitores.

A produção textual é uma atividade verbal e também resulta de atividades verbais, pois precedem várias outras atividades já desenvolvidas, tanto orais quanto escritas. Cabe mencionar, que quando se trata de uma produção, ela requer todo um planejamento, sendo essencial saber o que se quer dizer (objetivos da comunicação), para quem se quer dizer (destinatário do texto) e como dizer (escolha do gênero, estratégias de organização das ideias, escolhas linguísticas etc.) (MARCUSCHI, 2008). Fica mais fácil escrever quando se determina claramente o que se deve fazer.

A partir dessa perspectiva, produzir um texto é fazer uso da linguagem com um fim comunicativo. E, a escola, local onde ocorre o processo de aprendizagem de leitura e escrita, precisa ter esse compromisso, de ver a linguagem com o valor comunicativo. Aprende-se a ler e a escrever para a vida, para as relações, para atuar nos espaços sociais. Percebemos que no início da vida escolar, tem-se essa valorização do aprender a ler e a escrever. Descobre-se a leitura, descobre-se a escrita, há um encantamento, algo que é vivo e real. A leitura e a escrita servem para a vida, para a descoberta do mundo letrado. No entanto, com o passar dos anos, a leitura e a escrita, que deveriam continuar cada vez mais carregadas de sentido, de valor social, perdem o sentido e parecem não ter mais utilidade para a vida real. Tornam-se atividades meramente formais, voltadas para ganhar nota,

aprovar ou reprovar. É dado espaço para o aluno se expressar, oralmente ou por escrito, apenas para ser avaliado. O ato de escrever, principalmente, torna-se uma tarefa escolar, é uma cobrança que rende uma nota para passar de ano e livrar-se da escola. E essas ideias e ações precisam ser revistas na escola, a fim de que juntos, gestão e professores, possam refletir sobre práticas educacionais voltadas para as necessárias mudanças.

De acordo com Angelo, Menegassi e Fuza (2022),

Cabe ao professor ensinar o aluno a ativar os esquemas de conhecimento pertinentes a um texto concreto, a analisar e comparar o conhecimento prévio com as informações trazidas pelo texto, a integrar novas informações aos seus esquemas conceituais a dar origem a novos esquemas conceituais (ANGELO; MENEGASSI; FUZA, 2022, p. 38).

Dessa forma, percebemos o quanto o professor faz a diferença no momento que conduz a atividade de leitura e escrita, dando acesso ao aluno ao oferecimento dos textos, à leitura e à exploração apropriada dos diferentes gêneros textuais, desenvolvendo, instigando e sistematizando com os alunos as informações trazidas pelo texto. Recorrendo à BNCC (2018, p.60), esta pontua que os vários componentes curriculares precisam oferecer aos estudantes “condições e ferramentas para acessar e interagir criticamente com diferentes conhecimentos e fontes de informação.”

Seguindo as orientações da BNCC, que norteia a formulação dos currículos dos sistemas e das redes escolares de todo o Brasil, indicando as competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade, Dias e Mont’ Alverne, ao abordar a importância do letramento, esclarecem que

o letramento perpassa pelas diversas áreas do conhecimento e diversos componentes curriculares, estabelecendo conexão com as necessidades, valores e práticas sociais de cada estudante. Desse ponto de vista, o letramento se encarrega por fornecer benefícios essenciais, como: desenvolvimento intelectual, autonomia social, avanço profissional e cidadania (DIAS; MONT’ ALVERNE, 2020, on-line).

Esta concepção reforça a valorização do ato de ler e escrever em todas as áreas e componentes curriculares, uma vez que traz a relevância do letramento como prática abrangente de todo contexto escolar, uma vez que na escola é possível a abordagem de uma ampla diversidade de linguagens e também de uma significativa diversidade cultural. Inclusive, sobre esta questão Rojo (2012, p.13) defende a pedagogia dos multiletramentos apontando que “em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica” precisam ser percebidas e inclusas nos currículos e nas salas de aula.

Logo, os processos de leitura, compreensão e produção de textos devem permear diferentes gêneros de textos organizados por diferentes modalidades de linguagem, verbal, não verbal, sonora, imagética, ou seja, gêneros multimodais, impulsionando novas formas de conceber o ensino e suas propostas metodológicas, sendo tarefa de todas as áreas e um compromisso da escola.

Um projeto de formação continuada: diálogo a respeito das atividades de ler e escrever

A escola é um espaço ativo, e como tal necessita da atuação competente e dinâmica de seu pessoal, com formação de uma equipe habilitada para trabalhar com a educação, para comunicar-se com a comunidade escolar, para entender e concretizar mudanças.

Paulo Freire (1987, p.79) afirma que “ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho: os homens se educam em comunhão”. Diante disso, precisamos construir na escola, ambientes de diálogo reflexivo, com espaços de escuta e de fala, elemento essencial para a construção de uma equipe de professores alinhada e unida, em busca da identidade escolar. Nesse ponto, as reuniões pedagógicas, que envolvem a equipe gestora e os professores, podem ser um grande espaço de construção daquilo que a escola tem de melhor: as pessoas que a fazem e sua vontade de garantir as melhores condições de aprendizado.

Adicionalmente, Nóvoa (2019) afirma que

tornar-se professor obriga a refletir sobre as dimensões pessoais, mas também sobre as dimensões coletivas do professorado. Não é possível aprender a profissão docente sem a presença, o apoio e a colaboração dos outros professores (NÓVOA, 2019, online).

Nesta perspectiva, as reuniões pedagógicas são espaços de estudo e reflexão, e o seu objetivo é entender o que está dando certo, o que não está funcionando e o que pode melhorar. Esses momentos de planejamento, sejam coletivos ou individuais, de reflexão da prática de sala de aula, são essenciais para que os professores possam trocar experiências e ideias a fim de desenvolver novas metodologias de trabalho.

Deste mesmo ponto de vista, compartilha Imbernón (2019), reforçando a importância do coletivo de professores da escola que em colaboração buscam sua formação continuada, ou seja, através de suas práticas, de suas próprias metodologias, dos erros e acertos, se reunirem e trabalharem juntos buscando sua formação. Ao abordar sobre a formação permanente do professor, Imbernón (2019, p.62) traz alguns princípios e entre eles está “aprender num ambiente de colaboração, de diálogo profissional e de interação social: compreender problemas, fracassos e êxitos. Criar um clima de escuta ativa e de comunicação”. Ou seja, não há mais espaço para o individualismo e o isolamento, é necessário um trabalho colaborativo, participativo, de troca e de solidariedade.

E, conforme afirma Tardif (2002):

Os saberes profissionais dos professores parecem ser, portanto, plurais, compósitos, heterogêneos, pois trazem à tona, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e manifestações do saber-fazer e do saber-ser bastante diversificados e provenientes de fontes variadas, as quais podemos supor também que sejam de natureza diferente (TARDIF, 2002, p. 61).

Percebemos que a produção de conhecimento ocorre sempre. E ele não acontece somente em laboratórios formais ou em espaços científicos ou acadêmicos. Diante disso, precisamos perceber os saberes que brotam no nosso meio diariamente, e o espaço escolar precisa ser visto nesta

dimensão, onde circulam e se produzem saberes, pois mesmo não tendo o aspecto “formal”, o grupo de professores forma uma “comunidade científica” de estudo, experiências e pesquisa. Em relação a isso, Nóvoa (2019) esclarece que:

Face à dimensão dos problemas e aos desafios atuais da educação, precisamos, mais do que nunca, reforçar as dimensões coletivas do professorado. Esta nova construção pedagógica precisa de professores empenhados num trabalho em equipe e numa reflexão conjunta. É aqui que entra a formação continuada, um dos espaços mais importantes para promover esta realidade partilhada. (NÓVOA, 2019, on-line).

Uma formação continuada de profissionais da educação precisa estar baseada na integração entre teoria e prática, onde prevaleçam momentos de reflexão, ação, investigação e socialização de práticas bem-sucedidas. Para definir os encontros formativos como um espaço de crescimento profissional, é preciso questionar concepções e práticas tradicionais que levam a um trabalho pedagógico fragmentado e enxergar a força de dispositivos que incluem os professores em redes de trocas continuadas. E é nesta perspectiva que se propõe o trabalho que segue em relação à leitura e à escrita assumidas como tarefas da escola, uma vez que são urgentes ações pedagógicas que busquem auxiliar professores e alunos a operacionalizar mudanças comprometidas com transformações e melhorias em relação à leitura e escrita dos alunos.

O que frequentemente ocorre é que toda a responsabilidade com o ensino e desenvolvimento da leitura e da escrita convergem para as aulas de Língua Portuguesa, como se apenas esse componente curricular se envolvesse com as ações de ler e escrever. É claro que esse é sim um compromisso dessa disciplina, mas não somente e unicamente dela.

O acesso à leitura e à escrita deveria ser um objetivo a ser perseguido por todos os profissionais da escola, uma vez que em todos os componentes curriculares há o envolvimento com a prática de leitura e de escrita. Assim, todos os docentes, com estratégias diferenciadas e próprias de cada componente curricular, podem contribuir de alguma forma para o desenvolvimento da leitura e escrita dos alunos. E é exatamente essa reflexão que queremos trazer aqui, que todos os profissionais da escola podem contribuir para a formação de alunos leitores e escritores.

Nesta perspectiva, se propõe uma ação da gestão escolar, em forma de formação continuada, para lançar o desafio para que todos os professores de todas as áreas se integrem à tarefa de oferecer espaço à leitura e à escrita em todos os componentes curriculares. Esse trabalho de ação conjunta já foi estruturado e oferecido em forma de projeto pela Universidade UFRGS, em 1999, resultando na obra *Ler e escrever: compromisso de todas as áreas*. No livro, Seffner (1999, p. 8) destaca que “O acesso à leitura e à escrita devem constituir objetivo comum de todos os profissionais da escola, mas se apresentam com estratégias diferenciadas em cada área”.

Assim, à luz do conjunto de preocupações e ações oferecidos no trabalho da UFRGS, apresenta-se uma proposta de ação da gestão escolar que poderá ser oferecida em forma de formação continuada a todos os professores da escola e que será compartilhada na discussão que segue, após a abordagem sobre o papel da gestão pedagógica.

Gestão pedagógica da escola

A direção, a coordenação pedagógica e o supervisor escolar são sujeitos em ação dentro do espaço escolar, tendo como foco o sucesso do ensinar e do aprender, articulando, pensando e repensando ações que garantam a qualidade do fazer pedagógico.

Assim, a prática efetiva desta tríade na escola envolve um processo de ação, reflexão e ação, e não surge sem um planejamento e nem de forma inesperada. Neste sentido, desempenhar a função da gestão pedagógica escolar requer um conjunto de habilidades para as quais deve se estar preparado, assim como para vários momentos de estudo e reflexões teóricas sobre os discursos pedagógicos nas práticas escolares, planejando e organizando o sistema educacional, auxiliando no melhoramento das práticas educacionais e no aprimoramento das metodologias de ensino, elaborando e implementando projetos pedagógicos e definindo metas para otimizar a relação de ensino e aprendizagem.

Nesta perspectiva, a gestão pedagógica escolar atua como um agente do processo ensino-aprendizagem. Está diretamente ligado aos professores subsidiando suas ações. Rangel (2010), ao abordar o papel da supervisão e da coordenação, esclarece que:

O objeto específico da supervisão escolar em nível de escola é o processo de ensino-aprendizagem. A abrangência desse processo inclui: currículo, programas, planejamento, avaliação, métodos de ensino, e recuperação, sobre os quais se observam os procedimentos de *coordenação*, com finalidade integradora, e *orientação* nucleada no estudo, na troca, no significado da práxis (RANGEL, 2010, p.78).

E, neste atuar, o destaque para a abertura da formação continuada dos professores, tendo como meta capacitar, preparar, atualizar os professores e contribuir para que estes repensem e reformulem as suas práticas pedagógicas, e neste estudo específico defende-se a ideia da preparação de um plano de formação voltado à capacitação de todos os professores da escola, para que cada professor tenha conhecimento sobre o que é ler e escrever, estratégias e técnicas de leitura e escrita, entendendo e assumindo o compromisso de que ensinar a ler e escrever não é uma tarefa exclusivamente do professor de Língua Portuguesa, mas de toda a escola, e assim, de todas as áreas. E que, diante do desafio de ensinar a ler e a escrever há que se considerar a importância de posturas pedagógicas capazes de concretizar o ensinar e o aprender num processo de interação constante, e que através do texto, de diferentes gêneros, das intervenções adequadas, da mediação, da interação, se dê abertura para práticas de fala, de leitura e de escrita.

Capacitar os professores, é também chamá-los ao compromisso, dando ciência de que cada um é responsável pela sua prática, e que esta envolve a inserção do aluno no universo da cultura, do conhecimento, dando oportunidades para o estudante ler em profundidade, dialogando com os textos lidos, interpretando textos significativos, e escrevendo também, para dizer coisas significativas, para contar, para informar, para comover, para convencer, para persuadir, e assim, contribuindo para a formação do aluno, para a sua sensibilidade e cidadania, e conseqüentemente para as transformações e melhoria da sociedade.

Cabe, assim, à gestão pedagógica, diante desse projeto de que ler e escrever são compromissos da escola, propor e planejar muitos momentos de estudo, com ênfase na capacitação e no acompanhamento, motivando, dando suporte, favorecendo o trabalho cooperativo, atendendo a

diversidade, e valorizando e propiciando momentos de troca com o objetivo de construir sentido e produzir conhecimento.

Uma proposta: projeto de leitura e escrita na escola envolvendo todas as áreas do conhecimento

O que se propõe neste estudo é a apresentação de um trabalho por parte da gestão escolar que mobilize toda a escola para práticas significativas de leitura e escrita em todas as áreas do conhecimento. Neste sentido, a importância da reunião do grupo para o lançamento do projeto fundamentando a necessidade deste visto que estatísticas educacionais apontam resultados pouco satisfatórios do ensino, retratando que grande parte dos estudantes apresentam sérias dificuldades no que se refere à leitura e à escrita. A partir dessa constatação, fazer o chamamento para a reflexão de como os professores têm trabalhado com as ações de ler e escrever, percebendo que estas ações não necessariamente precisam ser práticas exclusivas da disciplina de Língua Portuguesa, visto que todos os professores participam e podem ser mediadores dessa tarefa.

A partir de tal reflexão, suscitar a discussão do que é ler e escrever para cada professor e como essas tarefas podem ser oferecidas em cada componente curricular. Sabemos que são recursos para leitura das diferentes disciplinas livros, revistas, jornais, textos, imagens, mapas, gráficos, entre outros. E diante de cada texto oferecido, o que é lido? Como é lido? O que se quer com aquele texto? E, o mesmo ocorre com a escrita. Pós leitura, o que se entendeu? Que informação foi localizada? Como expressá-la? Como registrá-la? Ou seja, não há mais tempo e espaço para rituais de leitura sem discussão, para questionários intermináveis, para respostas mecânicas. É necessário que se propicie condições e se ensine o aluno a ler e a escrever de forma permanente e autônoma, entendendo e escrevendo o mundo do qual faz parte enquanto cidadão.

De acordo com Guedes e Souza (1999):

Ler e escrever são tarefas da escola, questões para todas as áreas, uma vez que são habilidades indispensáveis para a formação de um estudante, que é responsabilidade da escola. Ensinar é dar condições ao aluno para que ele se aproprie do conhecimento historicamente construído e se insira nessa construção como produtor do conhecimento. Ensinar é ensinar a ler para que o aluno se torne capaz dessa apropriação, pois o conhecimento acumulado está escrito nos livros, revistas, jornais, relatórios, arquivos. Ensinar é ensinar a escrever porque a reflexão sobre a produção de conhecimento se expressa por escrito (GUEDES; SOUZA, 1999, p. 13)

Diante do exposto, cabe-nos realizar uma reflexão de como estamos conduzindo as atividades que são desenvolvidas e que envolvem a leitura e a escrita. Ou seja, não cabe apenas o exercício de aprender a codificar e decodificar a escrita, mas é preciso compreendê-la no seu processo histórico e no seu contexto de funcionamento. É, basicamente, um processo de alfabetização, de letramento em sala de aula, pois é neste espaço que o professor trará e apresentará o texto para o aluno, tece considerações, instiga, faz sugestões, discute, aprofunda, faz e responde perguntas, lê junto. Nesta dinâmica, o texto é explorado, aprofundado, se insere o aluno na leitura.

O mesmo vale para a escrita. É necessário proporcionar para o aluno oportunidade para a escrita, para o registro do que leu, do que entendeu, do que pensa sobre. E assim, ao mesmo tempo, se trabalha o que é informar, convencer, persuadir, comover, sensibilizar, de como a palavra pode ser usada para atingir a finalidade que se quer. O aluno deve ter liberdade para interagir com os colegas e professor, confrontando opiniões, trocando ideias, se posicionando, enfim, construindo autonomia no uso da língua.

Para ambos os casos, não há métodos específicos, mas posturas pedagógicas, em que o papel do professor é propiciar condições através de textos significativos e de suas intervenções adequadas e para isso planejadas, para que o aluno vá aprendendo e aprimorando cada vez mais habilidades de leitura e escrita.

Adiciona-se, que a escrita produzida pelos alunos não tem como fim a correção do “português” por parte do professor. As produções criadas podem ser lidas, discutidas, apresentadas, reescritas. A escrita não pode ser realizada com o fim específico de correção e nota, mas numa constante oportunidade de produção, de leitura, de exposição, de aprimoramento. Neste sentido, o uso da linguagem - leitura e escrita - se dará pelo domínio crescente dessas habilidades, no uso real da língua.

Diante de tais considerações, tendo por base o livro *Ler e escrever: compromisso de todas as áreas*, registramos algumas sugestões que poderão ser desenvolvidas em diferentes componentes curriculares.

a) **Arte**

No ensino da Arte é muito presente o uso de imagens ou de representações do mundo através de desenhos, pinturas, gravuras, fotografias, entre outras. Além desses recursos, ainda se faz presente no ensino da Arte muitos materiais impressos, como anúncios, cartazes afixados em muros, vestimentas, e ainda outras manifestações, como o cinema, o teatro, vídeos, imagem digital etc. Todos esses recursos ou expressões citadas são possíveis de leitura, pois exigem análise e reflexão. Segundo Kehrwald (1999, p. 21), “a leitura de imagem abrange a descrição, interpretação, compreensão, decomposição e recomposição para que se possa aprendê-las como um objeto a conhecer”. Ainda, por ser sistemas muitas vezes simbólicos, que representam, há nelas muita subjetividade que possibilita uma infinidade de leituras, que por sua vez dependem da mediação do professor, de informações para o leitor, e também das próprias vivências, experiências, imaginação e repertório de saberes do leitor.

Esse conceito de leitura se amplia no momento que fazem parte dela além dos aspectos sensoriais, emocionais, intelectuais, culturais, como também a “alfabetização” de elementos componentes da linguagem artística: linhas, cores, volume, texturas, formas, movimento, entre outros (KEHRWALD, 1999). Paralelamente, a contextualização histórica das obras analisadas, assim como ainda, a percepção dos usos, costumes, manifestações culturais, folclore, rituais, festas populares, visita a museus, exposições, oficinas de artesanato que também fazem parte do mundo da Arte e que deve ser ensinado e mostrado aos alunos.

E, é claro que após todo envolvimento com leitura, e se a arte representa o mundo, as ideias, as emoções, os indivíduos e as práticas sociais, tudo isso pode ser expresso, pode ser comunicado, apresentado. Neste sentido, a importância de, após o olhar ativo e crítico, o aluno fazer o registro e produções da descrição ou diálogo que a obra oferece, a análise feita, a interpretação e o julgamento que ficou do apreciador diante do que viu e sentiu. O que se deseja é despertar a motivação tanto para a leitura como para a escrita neste componente curricular que tão rico é para estas atividades.

b) **Ciências**

A ciência é um componente curricular que tem ligação direta com o mundo natural, e como tal o despertar da conscientização da importância de ações que preservem o planeta em que vivemos. Assim, estudar ciências implica fazer relações entre tudo que faz parte da vida: o homem, os animais, os vegetais, os minerais, a água, o ar, o solo, entre outros. Assim, a importância de despertar nos alunos a curiosidade, a incentivar os alunos a buscar explicações científicas, a investigação, a experimentação, a estimular pesquisas e hipóteses, e também a registrar o que vê, sente, ouve, imagina, para ter dados que poderão ser compartilhados, socializados e discutidos. Neste sentido, nesta disciplina, nada mais nocivo para o aluno do que a leitura mecânica e a decoreba do livro.

Com o foco no estudo da natureza ou nos fenômenos naturais, a ciência engloba a biologia, que é uma ciência mais descritiva, e como tal pode oferecer muitas leituras, vídeos, explicações, documentários e, ainda a física e a química, que são ciências mais exatas, e por esta característica apresentam muitos conceitos, fenômenos, escalas e fórmulas, mas que precisam ser compreendidos para o entendimento das situações expostas por estes componentes curriculares.

Dessa forma, em conjunto, esta área do conhecimento proporciona instrumentos para observações e pesquisas, conseqüentemente envolve leituras e produções escritas em diferentes situações de sala de aula, desde elaboração de apontamentos, esquemas, resumos, questionários, até a análise crítica de fenômenos que ocorrem no cotidiano que são veiculados em livros, jornais, revistas, TV (LOPES; DULAC, 1999). Para aprender ciências é preciso estabelecer relações significativas entre o que é trabalhado na escola e o cotidiano das pessoas. Neste sentido, ler e escrever em ciências não são meros instrumentos teóricos, mas fazem parte de um universo mais amplo de possibilidades.

c) **Educação física**

A fala, a leitura, a escrita, o movimento auxiliam a pessoa a se expressar e também a manifestar suas subjetividades. Neste caso, a leitura e a escrita também fazem parte de um processo de comunicação que deve ser valorizado e explorado na disciplina de educação física.

A educação física auxilia os alunos a se desenvolverem pessoal e socialmente, integrando todas as dimensões do ser humano: física, mental, intelectual, cultural e social. Assim, além das atividades físicas, esportes, ginástica, jogos, cabe também atividades de leitura de diferentes linguagens música, dança, teatro, lutas, brincadeiras que contribuem para o conhecimento de si próprio e exploração do mundo. Paralelamente a necessidade da produção escrita como forma dos alunos registrarem sensações, impressões, vivências, experiências e reflexões sobre atividades que

desenvolvem (GONÇALVES, 1999) e também das que são desenvolvidas por outros, permitindo interessantes inferências.

Observa-se que a Educação física é de extrema importância na vida de alunos, ensinando estes a se conhecerem melhor, através de seu corpo, movimentos, socialização entre as pessoas e domínio de suas habilidades, e estas dimensões de aprender sobre si e sobre o mundo situando-se nele, pode ser compreendido, elaborado e registrado, quer através da fala quer através da escrita.

d) **Geografia**

A Geografia é o componente curricular que contribui para que o aluno se situe no mundo, amplie sua concepção de mundo, compreenda a organização do espaço, identifique as interações que ocorrem entre a sociedade e natureza, que observe e compreenda o ambiente onde está e do qual faz parte.

Neste sentido, a importância do professor conduzir esse processo a partir das leituras que oferece. Muitas atividades de leitura podem partir do livro didático, e também de outros suportes e gêneros textuais como mapas, gráficos, escalas, legendas, símbolos, paisagens, imagens, entre outros. Cabe aqui, a leitura, a análise, a exploração, a busca de significados, a comparação, ou seja, tudo que ultrapasse o ver, e que se avance para o localizar, inferir, investigar, aprofundar. Kaercher (1999) observou que é necessário abertura para que se busque conhecimento de si e do mundo, situando-se e posicionando-se no espaço físico, político, econômico, cultural, mas posicione-se criticamente com relação ao seu espaço e como ocorre a organização deste espaço, sendo que prédios, fábricas, plantações, estradas, influenciam a vida das pessoas.

Assim, em meio a uma multiplicidade de fontes que podem ser lidas e exploradas pelos alunos, com o olhar atento do professor, que conduz a uma leitura realmente atenta, instigadora e com significado, o professor também pode enriquecer seu trabalho com os estudantes quando dá abertura para que os alunos registrem suas ideias, julgamentos, opiniões, hipóteses, suposições, soluções, quando podem também representar o espaço por meio de croquis, mapas, maquetes.

e) **História**

A História se ocupa muito da leitura e da escrita, uma vez que a própria definição de história se atrela à memória (SEFFNER, 1999). Assim, impossível estudar a história sem o exercício de leitura. No entanto, cabe às perguntas: que tipo de leitura? uma leitura passiva ou uma leitura ativa diante do texto escrito? Ou seja, os alunos são atingidos pela escrita, mas até que ponto interagem com ela? Assim, diante de um texto é preciso saber que lugares da memória ele revela, que leitura se espera dele, o que precisa ser discutido a partir dele?

E aqui, cabe uma infinidade de textos que podem ser oferecidos ou mostrados e explorados pelos alunos: textos de diferentes autores, cartas, decretos, diários de viagem, legislações, certidões, notícias, documentos pessoais, relatórios, hinos, crônicas de costumes e viagens, narrativas, imagens, mapas, diferentes textos de livros didáticos, enfim, cada material exige um tipo de leitura, e claro, quem encaminha estes procedimentos é o professor, que pelos seus conhecimentos, seleciona

o que será possível de compreensão, debate, aprofundamento, pesquisa, socialização, possibilitando sempre a interação do aluno.

Da mesma forma, acerca da produção escrita. Após as discussões, observações, comparações e aproximações entre diferenças e semelhanças, são situações que geram a possibilidade de produções escritas, sejam relatos, reflexões, ensaios, narrativas. É o momento em que o aluno reserva o espaço para o registro do que teve sentido para ele. Esses registros por sua vez podem ser lidos aos colegas, afixados em murais, integrar o jornal da escola, entre outras possibilidades. Assim, o aluno também passa a fazer parte da história, pois se integra e também deixa suas marcas no seu tempo e espaço.

f) **Língua Estrangeira**

O ato de ler e escrever em língua estrangeira leva em conta a construção de significados a partir de uma outra língua (PAIVA, 1999). O aluno tem a possibilidade, através do estudo da língua estrangeira, de apropriar-se de uma nova língua e através dela conhecer outra cultura e uma nova visão de mundo.

Dessa forma, o processo de conhecimento da língua deve ser algo dinâmico, de desenvolvimento de estratégias de questionamento, de inferências, de predisposição e paixão por aprender. Consequentemente, deve ser descartada qualquer atitude de memorização de um código formal linguístico, distanciado de textos de situações comunicativas.

Assim, que sejam oferecidos textos e atividades de leitura e produção de gêneros textuais que circulam na sociedade, para que o aluno possa reconhecer a função tanto da oralidade quanto da escrita, como meio de informação, comunicação e cultura.

g) **Língua Portuguesa**

O ensino da Língua Portuguesa como sendo um processo de interação social, sustenta-se no objetivo de desenvolver, no aluno, maior proficiência em práticas de oralidade, de leitura e de escrita. A língua, estudada e analisada em situações reais de uso, tende a favorecer a ampliação do domínio linguístico e discursivo. E, para que isso seja possível, é importante lembrar dos vários gêneros de circulação social e de que eles podem ser objeto de trabalho no contexto escolar, sendo base para o desenvolvimento da leitura e da escrita do aluno.

A leitura é um procedimento didático que significa decifrar, interpretar, conhecer. É através dela que se aprende, se obtém e se produz conhecimento. De acordo com Guedes e Souza (1999, p.135) “Ensinar a ler é levar o aluno a reconhecer a necessidade de aprender a ler tudo o que já foi escrito”, e ainda, continuam os autores (1999, p.137) “Ensinar a ler é contextualizar o texto e explorar seus possíveis sentidos”.

Por sua vez, a escrita é um produto de reflexão em relação às palavras, é um trabalho sistematizado com a linguagem. E isso é algo que precisa ser ensinado para os alunos. Sabemos que escrever não é a mesma coisa que falar. Também não é simplesmente pegar um papel, uma caneta, escrever algo e entregar ao professor. Também não é um dom divino e resultado de inspiração. Sem contar que muitos têm o que dizer, mas não sabem como dizer.

Assim, o ato de ensinar a escrever, em língua portuguesa, primeiramente, requer verificar que tipo de gênero é solicitado, verificar quais os conhecimentos o aluno tem sobre os elementos básicos que compõem a estrutura desse gênero, após então elaborar informações que são essenciais e que compõem o gênero. Compartilha-se com os alunos essas informações, traz-se um exemplo, percebe-se a disposição dos elementos característicos desse gênero, para só depois, com muita clareza acerca do que se está estudando, solicitar uma produção.

Produção feita, contudo o trabalho não se encerra por aí. Percebemos que a produção textual permite que o professor acompanhe o aluno muito de perto e, por isso, é uma tarefa envolvente e ao mesmo tempo difícil. Após ler o texto do aluno, o professor realiza apontamentos e orientações, e assim, cabe realizar um trabalho de reescrita. O aluno precisa aprender e entender que escrever e reescrever são movimentos essenciais e é dessa forma que a escrita vai sendo melhorada e aperfeiçoada.

h) **Literatura**

O texto literário desenvolve a imaginação, a criticidade, o domínio da linguagem e auxilia o leitor a refletir sobre si e sobre o mundo.

O trabalho com textos literários em sala de aula não deve acontecer de forma aleatória, sem objetivos definidos, centrado somente na figura do professor. Existem alternativas para a leitura prazerosa do texto literário em sala de aula. Mas isso requer que o professor esteja disposto a buscá-la. O professor tem o dever de colocar o seu aluno em contato com as diversas formas de comunicação ou gêneros que circulam em nossa sociedade. O texto literário é somente uma dessas formas. Infelizmente, é uma das formas relegadas a um segundo plano.

É preciso que em sala de aula tanto o aluno quanto o professor estejam em contato com os textos literários, de modo que eles possam refletir e recriar a linguagem literária, facilitando a formação de novos horizontes.

O contato do aluno com o texto literário, na sala de aula, não raro é através do livro didático, muitas vezes apenas com textos fragmentados voltados à análise, como pretexto para chegar à busca de respostas específicas determinadas com o objetivo de serem classificadas e periodizadas. Ou seja, o texto literário não é trazido para a sala de aula, não é percebido na sua inteireza, na sua beleza, na sua constituição enquanto literário.

Acredita-se que o professor de literatura hoje, precisa estar aberto para conhecer a necessidade e a realidade do aluno, a fim de trazer textos da atualidade e textos tipicamente literários para a sala de aula, com a intenção de sensibilizar os alunos para a prática leitora. Assim como, além da prática, é preciso muito mais que teoria, precisa de compreensão, paciência, energia, motivação, imaginação, criatividade, vontade. Trabalhar literatura com ensino médio é um trabalho complexo, porém motivador.

É preciso que o professor amplie mais suas atividades, visando à leitura da literatura como uma atividade de construção e reconstrução de sentidos, que busque novas técnicas de abordagem ao texto literário e de formas diversificadas, a fim de que novas experiências influenciam diretamente o contato do leitor com o texto. Neste processo, de acordo com Rolla (1999, p. 168), “o professor

estabelece uma relação mediadora entre o livro e o aluno”. E, a partir dessa concepção, o professor vê-se no papel fundamental de ajudar os alunos na construção e reconstrução de suas interpretações textuais visando à interação do aluno com textos, buscando ou tornando o estudo da literatura significativo e com isso preparando os alunos para se efetivarem leitores e também como escritores, dando espaço para a criação literária.

i) **Matemática**

Matemática é uma ciência exata que se utiliza de diferentes linguagens: gráfica, geométrica, aritmética, entre outras (KLÜSENER, 1999). E como tal faz uso de números, letras, símbolos, gráficos, fórmulas, que não raro se tornam de difícil entendimento para o aluno. Neste sentido, a importância do professor de matemática não limitar e fechar o ensino da matemática em teorias formalizadas, mas dar abertura para as relações e inter-relações da matemática com o cotidiano, com a vida, com o mundo. Que seja possível, o aluno expressar suas vivências, a ideia sobre as coisas, as suas hipóteses, para assim abrir esse campo para uma aprendizagem mais concreta e real. Nesta perspectiva, é que se insere a leitura e a escrita na matemática. Ler, na matemática, implica saber ou compreender o que está sendo expresso pela linguagem. Da mesma forma, a escrita. Escrever, na matemática, é ter capacidade para as representações, para representar as ideias e conceitos, para a busca de solução de problemas, novas descobertas, para a capacidade de construir conhecimento. Contudo, isso não é uma tarefa fácil, requer paciência, envolvimento e persistência do professor.

j) **Biblioteca escolar**

A biblioteca é um espaço público dentro da escola, e como tal é um local aberto, dinâmico, cativante, acolhedor, propício para a o desenvolvimento e fortalecimento da criatividade e da imaginação, rico em diferentes fontes e gêneros, e que oportunize e mostre um universo de fontes de informação que permitem a leitura diversificada.

O acervo da biblioteca deve estar bem disposto, sinalizado, demarcado, de forma que facilite o acesso ao usuário. Da mesma forma, o profissional que atende a biblioteca, cabe a ele uma grande parcela pelo sucesso ou fracasso no desempenho da biblioteca junto ao seu público (NEVES, 1999). Assim, ao atendente requer ser dinâmico, ativo, demonstrar interesse pelas pessoas que vêm até a biblioteca, ter sensibilidade, conhecimento do acervo, para que contribua e tenha compromisso com a formação de leitores.

Enquanto mediadora da formação, cabe a pessoa ou ao pessoal que dinamiza a biblioteca escolar, o estímulo à visita dos alunos à biblioteca, ao manuseio dos livros e dos recursos oferecidos por ela, à leitura, à exposição de livros, à narração de histórias, à criação de grupos de leitura, à discussão de obras lidas e também de filmes, assim como à produção de textos por meio de oficinas literárias, concursos, divulgação de pesquisas, comemorações escolares, entre outras.

Vale enfatizar que a biblioteca escolar faz parte dos recursos pedagógicos da escola, faz parte da dinâmica do ensino-aprendizagem, não pode ser vista apenas como um espaço físico, mas constituída dentro da proposta pedagógica da escola.

Considerações finais

Repensar a nossa prática pedagógica é uma prioridade permanente, visto que muitas das atividades propostas em sala de aula, como de leitura, de escrita e de produção textual não são claras e embasam-se na condição de que o aluno já sabe fazer. As atividades de leitura e de escrita são atividades de análise e de reflexão da língua. O estudante não nasce leitor ou escritor, ele aprende no decorrer de sua formação como estudante, com auxílio, orientação, ações e atitudes do professor. É a partir da mediação do professor, iniciando pelo seu planejamento, quando tece seus objetivos e planos, tendo clareza com: O que eu quero como professor? Por que fazer? Como vou fazer? Essas três questões básicas vão determinar a produção de leitura e escrita e a construção do conhecimento na sala de aula.

Temos claro que o texto na sala de aula passou a ser o centro do ensino, que é o objeto principal de leitura e escrita e que, através dele, sucede-se a participação ativa e crítica do estudante na sociedade. Por isso, também, deve-se contemplar os mais diferentes gêneros que circulam nas distintas esferas da atividade humana, objetivando colocar o aluno em contato com esses gêneros, percebendo as características, a estrutura e a função que cada um deles cumpre.

Cabe saber, então, que cada gênero a ser ensinado requer um percurso pedagógico distinto, não somente quanto aos aspectos formais, mas quanto ao conteúdo temático e estilo. Diante disso, podemos recorrer a vários e diferentes suportes textuais que contribuem com o trabalho com a linguagem e que dão riqueza e beleza ao nosso fazer pedagógico. A sala de aula é, então, um espaço privilegiado e, por isso, muito pode ser realizado, ensinado e aprendido.

Estudar é ler e escrever. E tais ações não podem ser roubadas do aluno. A leitura e a escrita constituem um caráter público para o aluno, é a constituição do aluno enquanto cidadão. E se por hora, o exercício da cidadania através da leitura e da escrita, se apresenta ainda como um desafio, que todas as áreas e professores da escola possam assumir esse desafio juntos, entendendo que ler e escrever são tarefas da escola, indissociáveis da vida escolar e das atribuições de todos os professores.

Cabe aqui, o devido apoio da gestão pedagógica, que através da formação continuada, conduzir ações voltadas à defesa da ideia de que a leitura e a escrita são tarefas da escola, sendo prática que envolve todas as áreas, considerando todos os aspectos que venham a beneficiar o ensino e a aprendizagem. Como sugestão de futuras pesquisas seria muito interessante aplicar esta proposta de trabalho e analisar os resultados obtidos deste processo. É um tema extremamente relevante para a área da educação como um todo e certamente muito se tem a pesquisar e experimentar a respeito.

Referências

ANGELO, Cristiane Malinoski Pianaro; MENEGASSI, Renilson José; FUZA, Ângela Francine (orgs.). **Leitura e Ensino de Língua**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

BAKHTIN, _____. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras Ciências Humanas. In: BAKHTIN, _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 307-334.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf Acessado 20 janeiro 2022.

DIAS, Rutineia Silva Oliveira. MONT' ALVERNE, Clara Roseane da Silva Azevedo. **Letramento e a existência de práticas letradas no ambiente escolar**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 06, Vol. 02, pp. 52-71. Junho de 2020. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/praticas-letradas>

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. 8.ed. São Paulo: Ática, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**. 3.ed. São Paulo: Ática, 2001.

GONÇALVES, Clézio J. S. Ler e escrever também com o corpo em movimento. p. 45 - 61 In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt *et al.* (Orgs) **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 2 ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 1999.

INFANTE, Ulisses. **Do texto ao texto: curso prático de leitura e redação**. 6.ed. São Paulo: Scipione, 2000.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formação para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez editora, 2019.

KAERCHER, Nestor André. Ler e escrever a geografia para dizer a sua palavra e construir o seu espaço. p. 71 - 83 In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt *et al.* (Orgs) **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 2 ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 1999.

KEHRWALD, Isabel Petry. Ler e escrever em artes visuais. p. 21 31 In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt *et al.* (Orgs) **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 2 ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 1999.

KLÜSENER, Renita. Ler, escrever e compreender a matemática, ao invés de tropeçar nos símbolos. p.175-189. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt *et al.* (Orgs) **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 2 ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 1999.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

LEAL, Leiva de Figueiredo Viana. A formação do produtor de texto escrito na escola: uma análise das relações entre os processos interlocutivos e os processos de ensino. In.: **Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto: o Sujeito-Autor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

LOPES, Cesar V. Machado; DULAC, Elaine B. Ferreira. Ideias e palavras na/da ciência ou leitura e escrita: o que a ciência tem a ver com isso? p.35 - 42. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt *et al.* (Orgs) **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 2 ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt. Ler e escrever na biblioteca. p. 217-227. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt *et al.* (Orgs) **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 2 ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 1999.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt *et al.* (Orgs) **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 2 ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 1999.

NÓVOA, António. **Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola**. Educação & Realidade [online]. 2019, v. 44, n. 3. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-623684910>>. Epub 12 Set 2019. ISSN 2175-6236. <https://doi.org/10.1590/2175-623684910>. Acesso em: 13 fev. 2022.

PAIVA, Maria da Graça Gomes. Os desafios (?) do ensinar a ler e escrever em língua estrangeira. p. 121 - 132. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt *et al.* (Orgs) **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 2 ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 1999.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: ALB: Mercado de Letras, 1996.

RANGEL, Mary. **Supervisão: do sonho à ação** – uma prática em transformação. In: FERREIRA, Naura Syria Capareto (org.). **Supervisão educacional para uma escola de qualidade: da formação à ação**. São Paulo: Cortez, 2010.

ROJO, Roxane Helena R. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROLLA, Angela da Rocha. Ler e escrever literatura: a mediação do professor. p. 164-171. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt *et al.* (Orgs) **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 2 ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 1999.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

SEFFNER, Fernando. Leitura e escrita na história. p. 105 - 118. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt *et al.* (Orgs) **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 2 ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 1999.

SERAFINI, Maria Teresa. **Como escrever textos**. 8.ed. São Paulo: Globo, 1997.

SOUZA, Jane Mari de; GUEDES, Paulo Coimbra. Não apenas o texto mas o diálogo em língua escrita é o conteúdo da aula de português. p. 135-154. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt *et al.* (Orgs) **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. 2 ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 1999.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ZILBERMAN, R, (org.). **A leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2006.